

HERMENÊUTICA BÍBLICA PARA COMPREENDER PAULO EM COMBLIN

BIBLICAL HERMENEUTICS TO UNDERSTAND PAULO IN COMBLIN

*Valter Luiz Lara**

RESUMO

O artigo apresenta a primeira parte de estudos sobre o modo como o Padre José Comblin compreendeu o Apóstolo Paulo. Num primeiro momento, o objetivo é mostrar alguns dos principais critérios hermenêuticos que o próprio Comblin reconhece como fundamento do que ele mesmo propôs como leitura da Bíblia. Em seguida são apresentadas influências pastorais, teológicas e pressupostos metodológicos da exegese que usou como mediação para a leitura dos textos paulinos. Trata-se de uma contribuição ao trabalho mais amplo de tentar explicar o modo como Comblin interpreta o Apóstolo Paulo em relação ao significado que tem sua atuação missionária e pregação do Evangelho diante da sociedade de seu tempo, assunto a ser tratado em artigo ulterior. A fonte para identificar os critérios hermenêuticos são as palavras do próprio Comblin em artigo que publicou em 2008. As outras mediações estão pressupostas em sua reconhecida identificação com a pastoral latino-americana, a teologia da libertação e no uso da exegese histórico-crítica e sociológica.

Palavras-Chave: Bíblia; Exegese; Escritos paulinos

ABSTRACT

The article presents the first part of studies about the way Father Joseph Comblin understood the Apostle Paul. This first objective is to show some of the main hermeneutical criteria that

* Doutor em Ciências da Religião pela UMESP - Universidade Metodista de São Bernardo do Campo/SP. Professor de Bíblia, Teologia, Filosofia e Antropologia Teológica. Leciona no UNISAL (Centro Universitário Salesiano) nos Campi de Campinas e São Paulo (Curso de Teologia Pio XI). É membro do Grupo de Pesquisa José Comblin (GPJC) da PUC de São Paulo e contribui com o Projeto de Pesquisa estudando a leitura que Comblin faz do Apóstolo Paulo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2905352435781260>. E-mail: laravalter@gmail.com.

Comblin himself recognizes as the foundation of what he proposed as a reading of the Bible. Following are presented pastoral influences, theological and methodological assumptions of the exegesis that he used as mediation for to read of the Paul' texts. It is a contribution to the larger work of trying to explain how Comblin interprets the Apostle Paul in relation to the meaning of his missionary activity and the Gospel' preaching before society of his time. It will be writing in the next article. The source for identifying the hermeneutic criteria is Comblin's own words in article that he published in 2008. Other mediations are presupposed in his acknowledged identification with Latin American pastoral, liberation theology, and the use of critical-historical and sociological exegesis.

Keywords: Bible; Exegesis; Pauline Writings

1 INTRODUÇÃO

A vida, o pensamento e a obra do Padre José Comblin têm sido objeto de estudos de especialistas em teologia e ciências da religião. Grupos de estudos e de pesquisa estão em plena atividade animando encontros, seminários e releituras da obra do mestre. Os grupos da UNICAP de Recife e da PUC de São Paulo, entre outros, representam esse esforço de recuperação e atualização do pensamento de Comblin. O presente trabalho deve muito aos dois, aos que estudam sua obra e mais diretamente ao Grupo de Pesquisa José Comblin (GPJC), coordenado pelo Prof. Dr. Pe. Edelcio Serafim Ottaviani.

O texto que apresento é uma pequena contribuição aos estudos que visam manter viva a profecia do mestre. Como outros colegas, tive a honra de ser seu aluno. O aprendizado continua e esse trabalho pretende demonstrá-lo. Seu objeto é a hermenêutica bíblica de Comblin tal como ele mesmo a expressou num de seus artigos. O objetivo é levantar quais são os pressupostos hermenêuticos de sua leitura da Bíblia (Parte I) para entender o modo como ele interpreta o Apóstolo Paulo através das análises que fez dos textos paulinos (Parte II).

O desafio mais específico de nosso estudo está em compreender como Comblin interpreta o alcance da atividade missionária de Paulo. Seria um entusiasta do Evangelho, preocupado em construir pequenas comunidades, cuja fé na vinda iminente do ressuscitado (1Ts 4-5) as separa das preocupações mundanas e as afasta de uma atuação sociopolítica mais ampla? Teria ele consciência do papel que elas têm no processo de transformação de toda a sociedade? Comblin vê Paulo como



quem funda, organiza e orienta comunidades e acredita que, à luz da fé em Jesus, se pode transformar o mundo à sua volta? Ou, ao contrário, como alguém que pretende apenas preparar comunidades de eleitos para o fim que julgava estar próximo? Ou ambas as possibilidades estão no horizonte da leitura que Comblin faz de Paulo? E se estão presentes, de que forma elas estão?

Nossa hipótese é que Comblin entendeu Paulo de forma a trazer para os dias atuais as consequências fundamentais da liberdade cristã (Gl 5)¹ na construção de comunidades abertas para o testemunho da solidariedade – do *agápe* (1Co 13, Fm), tal como ele deixou explícito em seu comentário à *Epístola a Filêmon* (1986) e ao longo de suas análises de escritos paulinos espalhadas em outras obras que escreveu sobre Paulo².

Organizamos este artigo em três tópicos preliminares de análise, que servirão de base para o artigo ulterior (Parte II): o primeiro visa mostrar que a Bíblia está no centro do que Comblin entende por teologia (item 2); o segundo quer demonstrar o que ele mesmo escreveu sobre quais devem ser as principais chaves hermenêuticas de compreensão da Sagrada Escritura (item 3); e o terceiro procura extrair mais especificamente as mediações e instrumentos metodológicos que influenciaram sua leitura dos textos paulinos (item 4).

2 CENTRALIDADE DA BÍBLIA NA TEOLOGIA DE COMBLIN

A leitura, o estudo e a análise dos textos bíblicos, principalmente dos neotestamentários e de modo particular, depois dos evangelhos, as cartas paulinas, sempre estiveram presentes na obra de Comblin: algumas vezes, como foco principal de seu objeto de análise; outras vezes, como fonte e fundamentação de outros temas que abordou ao longo de sua vida.

¹ Além de artigos que escreveu sobre o assunto e outros em que o tema aparece direta ou indiretamente, Comblin publicou um livro exatamente com esse título e no Brasil saiu pela Editora Vozes: *A liberdade cristã* (1977); mais tarde saiu também pela Paulus (2009).

² Uma delas é *Paulo, Apóstolo de Jesus Cristo* (1993) que será objeto de nossa análise na Parte II desse trabalho.



Esse princípio fundamental orientou desde muito cedo o trabalho pastoral, missionário e teológico de Comblin. Na obra *Os sinais dos tempos e a evangelização* (1968), logo no primeiro capítulo, cujo título é “A teologia frente à evangelização” ele pergunta e em seguida, responde:

O que é teologia? Deixemos de lado os aspectos formais das definições dos livros. De acordo com a tradição mais antiga e mais contínua da Igreja, a teologia é essencialmente leitura das Sagradas Escrituras. [...] Repito: a teologia é leitura da Bíblia (COMBLIN, 1968, p. 11).

Comblin deixa claro que não se trata de ignorar a importância dos outros tratados teológicos, mas de reconhecer que eles devem servir à uma leitura mais proveitosa da Bíblia:

Na época da decadência da teologia, às vezes pensaram que a teologia sistemática era o termo final do trabalho teológico: como se a finalidade fosse a de constituir uma coleção ou um sistema de proposições ou de “verdades” chamadas reveladas (apesar de justamente não serem reveladas, já que a revelação são as palavras bíblicas). A teologia sistemática coordena todas as contribuições dos séculos passados, apresenta a ajuda da Tradição de vinte séculos, para tornar a leitura da Bíblia mais frutuosa (COMBLIN, 1968, p. 12).

Na verdade, não é exatamente a Bíblia que ocupa o centro da teologia de Comblin, mas é a Palavra de Deus o centro da fé cristã e, por isso, também é o centro da própria teologia. A Palavra de Deus é maior não só do que nossas pretensas verdades, é maior também que a letra da Bíblia. Comblin vai mais longe e chega a afirmar que a Palavra de Deus é mensagem revelada, que embora precise usar palavras como produto da cultura, ultrapassa os limites das palavras humanas:

A palavra de Deus não se confunde com as palavras humanas que usa. A Bíblia, como livro de revelação, não consta simplesmente de palavras humanas. Deus não usa palavras. Todas as palavras são produto de culturas humanas e expressam algo de uma cultura. [...] As palavras são da sua cultura. Não são de Deus. O que é de Deus é a mensagem que Deus nos dirige a nós pelo canal dessas palavras (COMBLIN, 2008, p. 27).

Esse princípio de centralidade da Bíblia na teologia de Comblin não é outra coisa senão a expressão de sua fidelidade à orientação da própria Escritura que nos comunica, por meio do Apóstolo Paulo, a mesma convicção: “Foi ele [Cristo] quem



nos tornou aptos para sermos ministros de uma Aliança Nova, não da letra, e sim do Espírito, pois a letra mata, mas o Espírito comunica a vida” (2Co 3,6).

No próximo tópico, apresentamos alguns outros critérios hermenêuticos propostos pelo próprio Comblin, os quais ele admite estarem sendo esclarecidos cada vez mais, principalmente “a partir das experiências de leitura bíblica nas comunidades cristãs, particularmente das comunidades pobres, tais como foram e ainda são realizadas na América Latina” (COMBLIN, 2008, p. 26).

3 CHAVES HERMENÊUTICAS DA LEITURA BÍBLICA

A obra de análise e interpretação bíblica de Comblin é imensa. Sua hermenêutica, tal como ele apresenta, embora seja simples, não é tão fácil assim do ponto de vista prático e existencial, nem mesmo do ponto de vista técnico e acadêmico. Mas, como ele mesmo orientou, o caráter técnico não deve sufocar ou impedir que a Palavra de Deus chegue aos mais simples, pois essa sempre foi a intenção divina (COMBLIN, 1968, p. 17).

A intenção aqui é apenas oferecer, de maneira resumida, o que o próprio autor apresentou em 2008 por ocasião da publicação do centésimo número da Revista *Estudos Bíblicos*. O levantamento será breve e direto, pois esses critérios hermenêuticos de leitura bíblica completam o que apareceu no tópico anterior e possibilitam compreender o modo como Comblin, direta ou indiretamente, os aplicou para ler os textos paulinos e assim formar sua visão do Apóstolo Paulo.

3.1 Leitura contextualizada a partir da vida

A Bíblia deve ser lida a partir da vida situada historicamente. Da vida de quem? De quem a lê e do público a quem ela foi dirigida em sua origem. Pois assim ela foi escrita. Primeiro, a Palavra de Deus foi fruto de discernimento e interpretação da vontade divina a partir das experiências de vida; mais tarde transformou-se em escritura.

A leitura da Bíblia se faz considerando as urgências do contexto atual procurando entender que ela também surgiu de situações culturais, sociais, familiares, religiosas



e pessoais bem específicas. Para Comblin a leitura bíblica não é simples leitura de obra literária, é mais do que isso:

Pela Bíblia Deus fala a todos e a cada um em particular. Não enuncia verdades abstratas e universais, mas revela a cada um qual é a sua vocação, a sua missão, o caminho a seguir. Por isso, a Bíblia tem milhões de sentidos diferentes. Alguns podem estudar a Bíblia como uma obra literária, representativa de uma cultura ou do gênio literário de muitos escritores. Pode-se fazer dessa maneira um estudo acadêmico da Bíblia. Nesse caso o estudioso pode ler a Bíblia sem se sentir afetado em nada. A Bíblia permanece fora dele. É objeto de uma atividade intelectual. Depois da leitura a vida continua igual (COMBLIN, 2008, p. 26).

Sendo assim, o critério primeiro de leitura bíblica, para Comblin, não é científico e acadêmico, teórico ou tecnicista, mas prático, ético e existencial. Comblin acredita que o cristão deve ler a Bíblia a partir de um comprometimento de vida, com o espírito aberto para aprender, se deixar tocar e se transformar pelo próprio Deus que se revela na Palavra.

3.2 A Bíblia é Palavra Deus que se materializa

A Palavra, como foi afirmado anteriormente, é veículo cultural da mensagem de Deus. “Deus não usa palavra” (COMBLIN, 2008, p. 27) pode parecer um exagero de Comblin, mas o que ele quer mesmo afirmar é a anterioridade do gesto, da ação, da corporeidade e efetividade histórica da comunicação de Deus. “E o verbo se fez carne” (Jo 1,14) é expressão plena da comunicação divina à humanidade. Em Jesus não só a Palavra de Deus se faz presente e se historiciza, é o próprio Deus que vem viver a fragilidade de nossa humanidade e compartilhar conosco a própria vida. Isso é o que de fato deve-se entender por Palavra de Deus.

Neste sentido, Comblin define a comunicação da Palavra de Deus em três dimensões, lembrando a mais tradicional teologia católica sobre a revelação divina:

Estas são as palavras de Deus: 1. O movimento do universo, a criação permanente que contém toda a história do universo com o seu movimento permanente e toda a história da humanidade; 2. As preparações da vinda de Jesus pelas palavras dos profetas, sejam elas de Israel ou de outros povos; 3. O próprio Jesus em toda a sua vida humana. Esta é a palavra definitiva e que confere sentido a todo o resto. “A Palavra se fez carne” (COMBLIN, 2008, p. 27).



Portanto, a Palavra de Deus, mais do que palavra dita ou escrita, é matéria cósmica que se corporifica em toda obra criada, história dos povos em busca de vida plena e carne que se humaniza em Jesus assumindo a condição do mais pobre.

3.3 Só no Espírito se compreende a Bíblia como Palavra de Deus

A hermenêutica de Comblin insiste na leitura espiritual da Bíblia, não evidentemente em contraposição à materialidade da vida, mas como escuta e dom do Espírito Santo. Novamente ele afirma o caráter secundário da exegese em relação à leitura iluminada pelo Espírito: “O Espírito faz aparecer o significado da vida de Jesus no contexto de cada um dos seres humanos. [...] Nenhuma exegese é capaz de fazer essa operação” (COMBLIN, 2008, p.27-28).

Para Comblin, a leitura no Espírito garante que a Bíblia tenha significado atual para cada um dentro de sua situação histórica específica, no respeito à diversidade das culturas e das necessidades de cada pessoa.

3.4. Jesus como critério

A diversidade da literatura neotestamentária mostra a pluralidade de interpretações culturais e históricas da fé cristã. Por isso, cada um dos textos do Novo Testamento procura explicar a partir de sua situação particular histórica e cultural, o significado de Jesus. Comblin declara: “Não podemos ler esses escritos a partir de teologias ulteriores. [...] (As teologias ulteriores) tenderam a oferecer de Jesus ressuscitado uma imagem inspirada nos poderes desta terra [...]” (COMBLIN, 2008, p. 28).

Evidentemente, o critério da afirmação e aceitação de Jesus como Messias é preliminar e é o fundamento da leitura bíblica cristã. Comblin quer nos lembrar que o desafio hermenêutico é não perder de vista a centralidade dos Evangelhos como critério para a leitura do Antigo e dos demais textos do Novo Testamento; e além disso, voltar sempre a distinguir a relatividade de certas imagens que foram sendo construídas de Cristo, pois, ao invés de ser expressão do Cristo vivo, são mais espelhos e projeções de subjetividades incompatíveis com a do Jesus bíblico.

3.5 A leitura dos pobres

A recepção da palavra de Deus é sempre condicionada pela situação histórica e sociocultural. Comblin lembra que a leitura da Bíblia feita pelos pobres é diferente e mais adequada para compreender o conteúdo genuíno da palavra que mostra a ação de Deus na história: “A teologia latino-americana atribui aos pobres o papel principal na história vista desde o ponto de vista de Deus” (COMBLIN, 1989, p. 37). Entretanto, para Comblin, o pobre que faz a leitura mais adequada da Bíblia não é categoria meramente socioeconômica³. Ele não tem uma visão romântica, genérica e simplista do pobre:

Quais são os pobres que fazem essa leitura da Bíblia? São as pessoas que não têm a possibilidade de dominar outras pessoas. Há homens pobres materialmente que oprimem as mulheres. Há adultos pobres que dominam as crianças. Mas há pobres que não dominam e se sentem iguais aos outros pobres. Esses são os que fazem essa leitura (COMBLIN, 2008, p. 30).

Embora nem todos os pobres recebam, como se deve, a palavra de Deus, pois “muitos se deixam seduzir pela cultura dos burgueses ainda que não possam ter acesso ao mesmo consumo material” (COMBLIN, 2008, p. 30), Comblin reconhece que “a preocupação de Deus pelos pobres é tão forte que ele não somente assume a causa dos pobres, mas se identifica com eles” (COMBLIN, 1989, p. 38).

³ Comblin entende que na Bíblia o vocabulário hebraico e grego para evocar os pobres mostra que eles “são principalmente uma categoria definida pela sua condição material e social concreta” (COMBLIN, 1989, p. 38). Por outro lado, ele reconhece que a pobreza bíblica não se reduz a essa condição: “Os pobres não são simplesmente os que não têm, mas os que são impedidos de ter e de ser. [...] são os que não têm possibilidades de realização como seres humanos, os humilhados, reduzidos à impotência, condenados a mendigar. Os pobres são os rejeitados da condição humana, os ‘condenados da terra’, os rejeitados da sociedade, os marginalizados. Em certos textos esses pobres são também os que se colocam diante de Deus numa situação de humildade e dependência. Ora, esses pobres espirituais são também pobres materiais, e é justamente a sua pobreza material que lhes permite entrar numa atitude de pobreza espiritual; Valorizam a sua condição de impotência orientando-a para Deus. [...] As promessas feitas aos pobres [Comblin está se referindo às promessas bíblicas, em particular nos Evangelhos] incluem uma mudança na sua situação social e material. Elas não se reduzem a isso, mas a incluem com toda a certeza” (COMBLIN, 1989, p. 38).



3.6 A leitura da Bíblia é comunitária

A palavra chave em Comblin para leitura da Bíblia é comunidade: “A leitura coletiva da Bíblia num diálogo suficiente fará descobrir a Palavra de Deus para a comunidade” (COMBLIN, 2008, p. 32).

A resposta sobre o que Deus realmente fala através do texto não pode ser refém de um só:

A leitura comunitária pode também ajudar uma pessoa a entender o que Deus quer dela por meio da Bíblia. [...] A leitura coletiva impede a precipitação, ajuda a descobrir ilusões, e a corrigir certos aspectos que podem desviar da opção fundamental (COMBLIN, 2008, p. 32).

Veremos agora como esses critérios hermenêuticos gerais de leitura bíblica condicionam o modo como Comblin entende Paulo de Tarso, Apóstolo de Cristo.

4 PRESSUPOSTOS HERMENÊUTICOS PARA LEITURA DE PAULO

Destacamos os pressupostos que julgamos ser os mais relevantes para se entender a interpretação que Comblin faz dos textos paulinos. Eles nem sempre são explícitos. Como homem erudito, atento ao debate e avanços da pesquisa de sua época, tanto na área da teologia como um todo, quanto da exegese bíblica mais especificamente, Comblin esteve sempre aberto a inúmeras influências. Neste sentido, o campo de suas influências é bem maior do que aqui é destacado. Esse texto, como declaramos desde o início, é apenas uma pequena contribuição introdutória aos demais colegas que pesquisam o pensamento abrangente e frutuoso do Pe. José Comblin.

4.1 Contexto latino-americano pós-conciliar

Comblin é fruto de seu tempo, como cristão católico e, profeta da Igreja, é um homem devotado a alimentar em todos, não só a crítica do presente, mas a esperança de um futuro melhor. Seu trabalho recebeu a influência dos temas, conflitos e transformações reivindicadas para a atualização da Igreja (*aggiornamento* – a palavra chave do Concílio) e como outros teólogos viveu intensamente o movimento de efervescência e dinamismo do período pré e pós Concílio Vaticano II (1962-1965).



O tempo pós-conciliar com as mudanças que geraram as Conferências Episcopais latino-americanas de Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007) deixaram suas marcas no pensamento de Comblin, até porque ele mesmo participou dessa história como um de seus protagonistas.

4.1.1 Comunidades Eclesiais de Base e Teologia da Libertação

O monge beneditino Marcelo Barros escreveu um artigo muito esclarecedor sobre a teologia política de Comblin e nele testemunha não só o pensamento crítico de Comblin, que aparece em suas publicações, mas o seu empenho em criar alternativas efetivas para a inserção da Igreja no mundo real da vida dos pobres. Sua teologia sempre foi um diálogo constante com a realidade pastoral vivida pela Igreja latino-americana; no Brasil, ela foi compartilhada principalmente com o povo simples do Nordeste.

Era uma teologia vivida na pastoral e na inserção. Um homem formado nas universidades da Europa, com mestrado e doutorado, um teólogo que pode ser comparado com os grandes teólogos europeus da época (Congar, Chenu, Rahner etc), aqui no Nordeste inspirou a Teologia da Enxada, uma forma de formar lavradores e pessoas simples a ligar teologia e vida, uma espécie de “universidade popular” que queria formar missionários/as lavradores. Dessa experiência, surgiu a intuição das missões populares que se espalharam por todo o Nordeste, resgatando as antigas missões populares, mas com um espírito novo de Igreja comunidade e leitura bíblica libertadora (COMBLIN, 1977 *Apud* BARROS, 2015, p. 71).

O modelo das Comunidades Eclesiais de Base (Ceb's) e a teologia da libertação influenciaram a hermenêutica dos textos de Comblin, bem como toda a sua visão de Igreja. Aliás, como se sabe, já em 1968, antes mesmo do ano da 1ª edição do livro de Gustavo Gutiérrez (1971), *Teologia da Libertação* (1986), Comblin escreveu um documento, a pedido de Dom Helder, para servir de contribuição à Conferência de Medellín e nele propôs um jeito novo da Igreja testemunhar autenticidade evangélica: fazer oposição à ditadura militar, aproximar-se das classes populares e priorizar a formação dos leigos. Nesse texto chegou a propor inclusive que a “Igreja distribísse o que ele chamou de ‘estrutura parasitária’ (propriedades) como exemplo para toda sociedade” (CALADO, 2018).



4.2 Método histórico-crítico

Além dos grandes teólogos europeus, próximos do Concílio Vaticano II, Congar, Rahner, De Lubac, Daniélou, Chenu, Hans Küng, Schillebeeckx e tantos outros, na área de exegese e teologia bíblica, Comblin deixa muito claro que sua análise dos textos leva em conta os resultados da aplicação do método histórico-crítico⁴.

A biógrafa de Comblin, Monica Muggler, relata em seu livro que a teologia da Universidade Católica de Louvain nos tempos em que ele preparava o seu doutorado (1946-1950) era dominada pelo método histórico-crítico (MUGGLER, 2013, p. 38).

A exegese histórico-crítica é aquela cuja análise dos textos passa pelo rigor da crítica objetiva da ciência histórica. A Bíblia torna-se objeto de análise histórica e literária como qualquer outro documento do mundo antigo. Propõe estabelecer as reais origens históricas do texto em suas fontes e autores de fato, e não mais aceita de antemão a autoria atribuída pela tradição (LARA, 2009, p. 44).

Comblin não usa o método histórico-crítico para negar o valor religioso do texto numa linha de cientificismo absoluto. Ele o aplica para inserir o texto em seu contexto e extrair conclusões que possam ajudar a compreender melhor a sua mensagem teológica. O método a serviço da teologia. É nítida a aceitação desse método ou da aplicação de seus resultados na compreensão dos textos neotestamentários, particularmente na leitura dos textos paulinos:

A personalidade e a mensagem de Paulo são conhecidas essencialmente pelas 7 epístolas cuja autenticidade é garantida pelo estilo inconfundível e pela originalidade do pensamento do grande apóstolo. São as epístolas aos romanos, aos gálatas, aos Coríntios, as epístolas aos Filipenses e a filêmon assim como a primeira aos tessalonicenses. As outras epístolas que a Tradição lhe atribui trazem a marca da sua personalidade, mas com influências alheias ao gênio próprio de Paulo. Elas devem ter sido escritas por discípulos que pretenderam transmitir fielmente o pensamento do seu mestre, mas não souberam evitar que se expressasse também o seu próprio pensamento, reflexo dos novos problemas que eles resolveram à sua maneira, embora pensassem continuar o pensamento de Paulo. As outras epístolas procedem de uma “escola paulina” muito característica, mas constituem adaptações a situações novas em

⁴ Sobre a origem, a história, os autores e o modo como se aplica o método histórico-crítico recomendo a obra de VOLKMANN, 1992.



virtude de orientações novas, não propriamente paulinas (COMBLIN, 1993, p. 8-9).

Essa distinção de Paulo por ele mesmo e Paulo pela escola paulina é fruto de uma metodologia histórico-crítica. Comblin adotou-a para distinguir o Paulo de suas epístolas daquele que é retratado e interpretado pelo autor dos *Atos dos Apóstolos* (COMBLIN, 1993, p. 9). Esse procedimento faz toda a diferença na compreensão que Comblin tem de Paulo e no modo como ele interpreta e atualiza os seus ensinamentos.

4.3 Mediação sociológica

A mediação sociológica da leitura bíblica nasceu como desdobramento do método histórico-crítico. A partir do contexto histórico, o método sociológico visa compreender a sociedade como um todo que está por detrás do texto. O texto é visto como produto de interesses dos grupos, comunidades ou setores da sociedade.

A leitura sociológica busca analisar o conteúdo do texto segundo a dinâmica das relações sociais entre autor(es), interlocutor(es), adversário(s) ou partidário(s) da mensagem. Esse método pretende não só situar a produção textual no contexto histórico, mas aprofundar e revelar o caráter dos conflitos e a função social que o texto quer cumprir diante de seus destinatários⁵.

O uso que Comblin faz do método histórico-crítico e do sociológico na análise dos textos paulinos em Comblin está evidenciado no artigo publicado na Revista *Estudos Bíblicos* (1990, nº 25, p. 34-42), cujo título de capa é justamente a *Sociologia das Comunidades Paulinas*.

Eduardo Hoornaert, com base nas informações de Muggler (2013), lembra-nos da influência exegética que Comblin recebeu de Lucien Cerfaux (1883-1968), seu orientador no doutorado em Louvain: o apreço à filologia, ao estudo das palavras bíblicas e ao cuidado com o contexto histórico desde um ponto de vista crítico (HOORNAERT, 2015, p. 61). Sua análise de uma das primeiras publicações de Comblin, a saber, *Le Christ dans l'Apocalypse*, uma adaptação de seu doutoramento,

⁵ Entre várias publicações sobre métodos, exegese e hermenêuticas bíblicas, sugiro a leitura de LARA, 2009 e SILVA, 2000, p. 355-450.



comprova com detalhes a capacidade de colocar o aprendizado acadêmico à serviço da fé, da realidade presente a desafiar a Igreja:

Não era costume fazer teologia a partir da linguística. Comblin deve ter trabalhado duro e depois nunca mais escreveu um livro tão recheado de citações bíblicas, referências bibliográficas, minuciosas análises de palavras gregas. Quem hoje, depois de 50 anos, retoma esse livro, fica impressionado (1) pelas continuadas e minuciosas análises filológicas e (2) pela capacidade de acenar, embora de forma discreta e alusiva, para situações atuais. Ali já está o Comblin da Teologia da Libertação, ainda na concha, mas dá para se perceber uma sensibilidade social que se esconde e ao mesmo tempo se revela no texto. Pois naquele tempo não convinha expressar sentimentos numa Tese de Doutorado (HOORNAERT, 2015, p. 61)

O que Hoornaert demonstrou, por meio do estudo que Comblin fez do Apocalipse, identificando seu jeito de escrever como característica de sua “sensibilidade social”, do ponto de vista hermenêutico preferimos chamar de leitura espiritual. Esse é o pressuposto sempre presente no modo como Comblin não só escreve seus textos, mas entrega sua vida como serviço à Igreja.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

E assim concluímos a etapa preliminar do que até aqui podemos apresentar do nosso projeto de pesquisa que segue levantando o que o mestre Comblin escreveu sobre Paulo de Tarso. A busca por Paulo sob o olhar de Comblin exige que se entenda quais são os pressupostos de sua hermenêutica bíblica aqui demonstrados. Com base nesses pressupostos compreenderemos melhor o modo como ele interpreta os textos e a figura polêmica do Apóstolo Paulo. Mas, isso é tarefa, cujos resultados serão apresentados no próximo artigo (Parte II).

REFERÊNCIAS

BARROS, Marcelo. O Padre Comblin e sua Teologia Política. **Revista Eletrônica Paralellus**, v. 6, n. 11. Especial José Comblin. Recife: UNICAP, 2015, p. 67-74.

CALADO, Alder Júlio Ferreira. José Comblin: um escrito profético, a título de subsídio, em vista da conferência de Medellín, numa conjuntura de efervescência... **Kairós**. Postado em 26 de Março de 2018. Disponível em:



<https://kairosnostambemsomosigreja.wordpress.com/2018/03/26/1326/>. Acesso em 14/09/2018.

CERFAUX, Lucien. **O cristão na teologia de São Paulo**. São Paulo: Paulinas, 1976.

COMBLIN, José. **Os sinais dos tempos e a evangelização**. Estudos de Teologia Pastoral – I. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1968.

_____. Ler a Bíblia. **Estudos Bíblicos 100** (2008), p. 26-32. Petrópolis: Vozes.

_____. **Le Christ dans l'Apocalypse**. Tournai: Desclée & Cie, 1965.

_____. **A liberdade cristã**. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. **A liberdade cristã**. São Paulo: Paulus, 2009.

_____. A composição sociológica da comunidade de Filipos. **Estudos Bíblicos 25** (1990), p. 34-42. Petrópolis: Vozes.

_____. **Epístola aos Colossenses e Epístola a Filêmon**. Petrópolis/São Bernardo do Campo/São Leopoldo: Vozes/Imprensa Metodista/Sinodal, 1986. (Comentário Bíblico).

_____. **Epístola aos Filipenses**. Petrópolis/São Bernardo do Campo/São Leopoldo: Vozes/Imprensa Metodista/Sinodal, 1985. (Comentário Bíblico).

_____. **Paulo Apóstolo de Jesus Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1993. (Coleção Deus Conosco).

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação**. Perspectivas. 6ª ed. Tradução de Jorge Soares. Petrópolis: Vozes, 1986.

HOORNAERT, Eduardo. O Apocalipse como fonte inspiradora da Cristologia de José Comblin. **Revista Eletrônica Paralellus**, v. 6, n. 11. Especial José Comblin. Recife: UNICAP, 2015, p. 59-66.

LARA, Valter Luiz. **A Bíblia e o desafio da interpretação sociológica**. São Paulo: Paulus, 2009.

MORATO, Edir Aparecido. A liberdade cristã em perspectiva paulina. **Revista Eletrônica Espaço Teológico – REVELETEO**, Vol. 5, n. 7, jan/jun, 2011. São Paulo: Puc/SP, p. 53-61.

MUGGLER, Monica Maria. **Padre José Comblin: uma vida guiada pelo Espírito**. São Paulo: Nhanduti, 2013.

JOSÉ DA SILVA, Airton. Leitura socio-antropológica. Cap. 11. IN: DIAS DA SILVA, Cássio Murilo. **Metodologia de Exegese Bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2000.

VOLKMANN, Martin; DOBBERAHN, Friedrich Erich; CÉSAR, Ely Éser Barreto. **Método Histórico-crítico**. São Paulo: CEDI, 1992.

